



Letramento em IA: confluência entre letramentos digitais, críticos e práticas de interação com tecnologias generativas

AI Literacy: convergence of digital, critical literacies and interaction practices with generative technologies

Regina Breda^(a); Greice Castela Torrentes^(b)

a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) / Instituto Federal do Paraná (IFPR), PR, Brasil – bredaregina1@gmail.com

b Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), PR, Brasil – greicecastela@yahoo.com.br

Resumo: O uso crescente de tecnologias baseadas em inteligência artificial generativa tem reconfigurado as práticas de leitura, escrita e produção de sentidos no ambiente digital, especialmente em contextos educacionais. Este artigo apresenta os resultados de uma **revisão narrativa da literatura**, cujo objetivo foi identificar e analisar as principais contribuições acadêmicas sobre o **letramento em inteligência artificial (IA)**, com ênfase em suas articulações com a linguagem, a educação e as tecnologias digitais. Foram selecionados estudos teóricos, empíricos e revisões sistemáticas, publicados entre 2020 e 2025, com acesso aberto. A análise permitiu organizar a discussão em três eixos interdependentes: (i) concepções e modelos teóricos de letramento em IA; (ii) práticas de interação estratégica com ferramentas generativas, com destaque para o uso de *prompts*; e (iii) implicações éticas, sociais e políticas do uso dessas tecnologias na educação. Concluímos que o letramento em IA se configura como uma confluência entre letramentos digitais, críticos, articulando-se também a práticas de linguagem específicas da interação com modelos generativos, como a formulação de *prompts*, refletindo a constante evolução das habilidades necessárias para atuar em contextos digitais multimodais. Dessa forma, integrar o letramento em IA aos currículos escolares é fundamental para promover uma formação ativa, crítica e inclusiva diante dos desafios e potencialidades da IA generativa na educação.

Palavras-chave: Letramento em inteligência artificial. Inteligência Artificial Generativa. Letramentos Digitais. Letramento Crítico. Interação com modelos generativos.

Abstract: The increasing use of generative artificial intelligence (AI) technologies has reshaped reading, writing, and meaning-making practices in digital environments, especially within educational contexts. This article presents the results of a narrative literature review aimed at

identifying and analyzing key academic contributions on AI literacy, with an emphasis on its connections to language, education, and digital technologies. The review included theoretical and empirical studies as well as systematic reviews, all published in open-access sources between 2020 and 2025. The analysis was organized around three interdependent axes: (i) theoretical conceptions and models of AI literacy; (ii) strategic interaction practices with generative tools, with particular focus on prompt formulation; and (iii) ethical, social, and political implications of using such technologies in education. The findings suggest that AI literacy represents a convergence of digital and critical literacies, while also engaging with language practices specific to interaction with generative models, such as prompt engineering. This reflects the ongoing evolution of skills required to navigate multimodal digital contexts. Therefore, integrating AI literacy into school curricula is essential for fostering active, critical, and inclusive educational practices in response to the challenges and possibilities posed by generative AI in education.

Keywords: Artificial Intelligence Literacy. Generative Artificial Intelligence. Digital Literacies. Critical Literacy. Interaction with Generative Models.

Introdução

Modelos de linguagem de grande escala (*do inglês, Large Language Models* – LLM¹) resultam de um longo percurso de desenvolvimento da área de ciência da computação em que estão implicados avanços da área de Processamento de Linguagem Natural (*Natural Language Processing* - NLP²) e de campos da Inteligência Artificial como o aprendizado de máquina (*machine learning*³), assim como a disponibilidade de grandes volumes de dados digitais (*big data*).

Esses modelos de linguagem de grande escala, como o GPT da OpenAI permitem interações entre humanos e sistemas algorítmicos em linguagem natural, em que respostas automatizadas são geradas mediante a solicitações do usuário.

¹ Os LLM (*do inglês, Large Language Model*), que são definidos por (Accoto, 2023, p.9) como um “conjunto de técnicas e operações engenheiro-computacionais entrelaçadas, capazes de sequenciar estatisticamente a linguagem natural humana”.

² Chowdhury (2003) explica que o Processamento Automático de Línguas Naturais (*doravante, PLN*) é uma área de pesquisa e de aplicação que explora como os computadores podem ser usados para processar e manipular texto ou discurso em linguagem natural para fazer coisas úteis.

³ O aprendizado de máquina é um subcampo da inteligência artificial que se concentra no uso de dados e algoritmos para imitar a maneira como os humanos aprendem, melhorando gradualmente sua precisão. (IBM, s/d.)

Nesse sentido, esses modelos de linguagem generativos inauguram novas maneiras de interação com a informação no ambiente digital. De modo diferente de mecanismos de busca como o Google — que, a partir da busca de termos/palavras-chave, realizam a curadoria do conteúdo existente, reunindo informações disponíveis em páginas da internet para facilitar a consulta do usuário —, os modelos de linguagem como o *ChatGPT*, vão além dessa função. Eles são treinados em grandes volumes de dados coletados da internet e, a partir de padrões identificados nesses dados, têm a capacidade de gerar conteúdo novo, construído a partir de probabilidade. Isso significa que são capazes de produzir respostas automatizadas, adaptadas às solicitações do usuário, apresentando sínteses ou interpretações que muitas vezes não existiam de forma explícita nos dados originais que receberam em seu treinamento.

No entanto, os riscos associados ao uso desses modelos generativos — como a geração de conteúdos inventados ou factualmente incorretos (*alucinações*), a opacidade dos dados de treinamento e a reconfiguração da autoria — revelam a necessidade de formar sujeitos capazes de compreender, interagir e questionar a inteligência artificial generativa. Dessa forma, a chegada dessa tecnologia inaugura não apenas uma nova fase na automação da linguagem, mas também um conjunto inédito de desafios para a educação, a comunicação e a construção de conhecimento.

Ao simular interações humanas por meio de textos probabilisticamente construídos, esses modelos generativos introduzem novas práticas de linguagem⁴. É nesse contexto que se insere a discussão sobre o letramento em inteligência artificial, entendido aqui como um conjunto de práticas

⁴ As práticas de linguagem na cultura digital contemporânea são, por natureza, multimodais, envolvendo a articulação de diferentes modos de representação e significação — verbal, visual, sonoro, gestual e espacial — como parte constitutiva da comunicação (Cope; Kalantzis, Pinheiro, 2020). No contexto da IA generativa, essa característica se automatiza, à medida que os usuários passam a criar, com comandos verbais, conteúdos híbridos como textos ilustrados, apresentações, vídeos e imagens produzidas por algoritmos.

discursivas, críticas e sociotécnicas voltadas à leitura, produção, curadoria e avaliação de textos gerados por sistemas automatizados.

Considerando que a participação ativa na cultura digital contemporânea requer mais do que o simples domínio técnico do uso das ferramentas disponíveis, mas de saberes críticos sobre como esses recursos tecnológicos operam, com quais lógicas, e com quais impactos — este artigo buscamos compreender como o letramento em IA tem sido formulado no campo educacional e quais são suas implicações para práticas pedagógicas inclusivas, críticas e responsáveis diante do uso de tecnologias generativas.

Para tanto, optamos por uma revisão narrativa orientada por uma busca intencional de textos acadêmicos com acesso aberto, publicados entre 2020 e 2025, que tratassem diretamente da noção de letramento em inteligência artificial e suas articulações com educação, tecnologia e linguagem. Os critérios de seleção privilegiaram publicações de acesso aberto, com ênfase em abordagens conceituais, críticas ou aplicadas à prática pedagógica. outras. Após a leitura e análise dos textos, os artigos foram organizados em eixos temáticos que incluem: (i) concepções e modelos teóricos de letramento em IA; (ii) práticas de interação estratégica com ferramentas generativas, com destaque para o uso de *prompts*; e (iii) implicações éticas, sociais e políticas do uso dessas tecnologias na educação. Portanto, a revisão narrativa se justifica a partir da necessidade de investigar uma temática emergente — a inteligência artificial generativa — e, mais especificamente, o letramento em IA, que tem se mostrado um campo em expansão no âmbito dos estudos sobre letramentos.

O artigo está estruturado em sete seções. A primeira, Tecnologias de IA Generativa e Educação: Potencialidades e Limites, apresenta os principais usos e promessas pedagógicas associados à IA generativa. Em seguida, a

seção Desafios em torno do uso de IA generativa na educação examina algumas das tensões pedagógicas que emergem da adoção dessas ferramentas, aprofundadas na subseção Desafios éticos e educacionais da IA generativa: autoria, confiabilidade e agência, que discute aspectos como a autenticidade dos textos gerados, a confiabilidade das informações e a preservação da autoria humana.

Na sequência, desenvolve-se a seção central do artigo: Letramento em IA como prática educativa: fundamentos, interações e criticidade, subdividida em três partes. A primeira, Concepções e Modelos de Letramento em IA: dimensões técnicas, críticas e formativas, discute definições, estruturas analíticas e propostas formativas extraídas da literatura especializada. A segunda, Letramento de *Prompts* como competência linguística e multimodal no uso de IA generativa, destaca a formulação de comandos como prática de linguagem situada, com ênfase na produção de conteúdos híbridos e multimodais. Por fim, a terceira, Letramento crítico em IA: inclusão digital, responsabilidade educativa e usos éticos da tecnologia, enfatiza a necessidade de abordagens que promovam a equidade, o acesso e a consciência crítica no uso dessas ferramentas em contextos educacionais.

Com essa organização, o artigo busca contribuir para a construção de um campo ainda em consolidação e para o debate sobre os desafios formativos de uma cultura tecnológica em constante transformação. Por fim, tecemos considerações finais sobre o letramento em IA como uma maneira de abordar, em contextos de ensino/aprendizagem, as especificidades das tecnologias de IA generativa.

Tecnologias de IA Generativa e Educação: Potencialidades e Limites

A tecnologia de inteligência artificial generativa foi desenvolvida para processar informações em linguagem natural e executar uma variedade de

tarefas cognitivas como tradução de idiomas, análise de sentimentos, produção e adaptação de textos (OpenAI, 2022). Entre suas capacidades mais exploradas pelos usuários destaca-se a realização de operações estruturadas ou repetitivas — como o resumo de textos extensos, a reorganização de informações, a identificação de padrões temáticos e a adequação de conteúdos a diferentes gêneros discursivos (Steele, 2023).

Nesse último aspecto, a IA generativa pode atuar como um interlocutor digital, ajustando suas respostas ao nível de linguagem, conhecimento prévio e necessidade comunicativa do usuário (Kalantzis; Cope, 2024). Esses modelos de linguagem permitem ainda que o conteúdo gerado seja solicitado em diferentes formatos, como sínteses, listas comparativas, explicações em etapas ou versões adaptadas a registros específicos da linguagem.

Diante desses recursos, observa-se um crescente potencial de aplicação da IA generativa em contextos educacionais em que essa tecnologia pode ser usada como apoio à organização de ideias, à produção de materiais de estudo personalizados e à reescrita de conteúdos com base em critérios discursivos, linguísticos ou pedagógicos.

No cenário da educação, por exemplo, esses recursos podem ser explorados para uma série de atividades, autores como Bozkurt (2023) e Pimentel, Azevedo e Carvalho (2023) reconhecem que a IA generativa pode ser utilizada com intencionalidade pedagógica, funcionando, por exemplo, como uma parceira criativa no processo de ensino-aprendizagem, oferecendo sugestões que estimulam novas formas de expressão autoral e apoiam a estruturação de ideias em tarefas de produção de textos.

No entanto, a facilidade com que a IA pode gerar textos a partir de dados preexistentes pode representar muitos desafios para o campo da

educação. Segundo Pimentel, Azevedo e Carvalho (2023), o uso indiscriminado de ferramentas de IA pode levar a práticas que se assemelham ao plágio, caso não haja uma supervisão adequada e uma clara atribuição de autoria. Além disso, a falta de uma agência humana ativa pode levar a uma dependência excessiva dessas ferramentas, resultando no empobrecimento das capacidades criativas e críticas, especialmente entre estudantes em processo de formação. Portanto, ainda que as potencialidades da IA generativa ofereçam caminhos para práticas pedagógicas, elas não eliminam os riscos que o uso indiscriminado dessas ferramentas pode gerar. Assim, seu uso pedagógico exige cautela e criticidade, especialmente diante de limitações técnicas como os vieses nos dados de treinamento.

No campo da Educação, as preocupações éticas sobre o uso da inteligência artificial generativa decorrem, em grande parte, da forma como esses modelos são desenvolvidos. Diferentemente de outras tecnologias digitais, a IA generativa é capaz de criar conteúdo novo, reproduzindo padrões de linguagem, comportamentos ou expressão humana. Para tanto, esses modelos são treinados com grandes volumes de dados pré-existentes, identificando padrões e aprendendo a linguagem de maneira puramente estatística (Chomsky, Roberts e Watumull, 2023). Isso significa que esses sistemas não possuem qualquer compreensão real do conteúdo que geram. Como consequência, o modelo pode produzir respostas que aparentam ser confiáveis, mas que são totalmente inventadas ou factualmente incorretas — um fenômeno conhecido como "alucinações" (Kalantzis e Cope, 2024).

No caso do *ChatGPT*, a empresa desenvolvedora alerta que o modelo utiliza dados disponíveis na internet para produzir suas respostas, mas não verifica, em fontes externas confiáveis, a precisão, a atualização ou a veracidade do conteúdo gerado (OpenAI, 2022). Portanto, trata-se de

uma inovação tecnológica que produz conteúdo de maneira automatizada, mas que apresenta uma série de limitações quanto à autenticidade e confiabilidade do que gera, uma vez que depende das informações que recebeu em seu treinamento para produzir respostas.

De acordo com a UNESCO (2023), esses sistemas, frequentemente descritos como *caixas-pretas*, operam com base em padrões probabilísticos, mas não oferecem justificativas rastreáveis para suas respostas. Essa opacidade compromete a possibilidade de análise crítica por parte de usuários e desenvolvedores, dificultando a avaliação de sua validade e uso seguro em contextos educacionais.

Nesse contexto, torna-se indispensável a compreensão sobre o funcionamento dos modelos de IA generativa para que se faça um uso responsável dos conteúdos gerados por essas ferramentas.

Nesse sentido, destaca-se o papel central da educação para que seja promovido o uso ético e crítico da IA generativa, sobretudo diante da presença crescente dessas ferramentas nas práticas sociais de linguagem dos estudantes. Assim, sob a justificativa de que é indispensável a criação de referenciais educacionais específicos para o desenvolvimento de competências relacionadas à inteligência artificial, a UNESCO, cujo trabalho nos últimos anos tem se dedicado a fornecer orientações sobre competências digitais, publicou, em 2023, o *Guidance for generative AI in education and research* (Guia para a IA generativa na educação e na pesquisa).

Segundo esse documento, os principais desafios associados à integração dessas ferramentas em contextos educacionais se relacionam às controvérsias em torno dos conjuntos de informações de base dos modelos generativos. Essa problemática abrange desde a falta de representatividade e inclusão nos conjuntos de dados, que pode resultar

na reprodução de vieses e preconceitos, até questões relacionadas à privacidade de dados pessoais e à utilização de conteúdos protegidos por direitos autorais.

Desafios em torno do uso de IA generativa na educação

Os atuais modelos de IA generativa são treinados com grandes volumes de dados disponíveis na internet, predominantemente oriundos de fontes hegemônicas, como veículos de comunicação do Norte Global. Nesse contexto, a UNESCO (2023) adverte que os sistemas tendem a reproduzir valores, normas e perspectivas ocidentais, marginalizando vozes do Sul Global, cujas culturas e línguas estão sub-representadas no ambiente digital.

Um dos fatores que acentuam essa assimetria é o domínio do inglês nos dados de treinamento. No caso do GPT-3, por exemplo, apenas 7% do conteúdo provém de línguas não inglesas. Para Byrd (2023), esse cenário evidencia o impacto do legado de dominação linguística, uma vez que os grandes modelos de linguagem tendem a negligenciar outras culturas e formas de expressão linguística, perpetuando, dessa forma, a desvalorização da diversidade.

Diante do contexto exposto acima sobre como a IA pode intensificar ideologias hegemônicas, é preciso considerar o modo como esses modelos funcionam: replicam padrões e tendências nos dados e geram respostas que refletem as ideias mais comuns ou recorrentes encontradas nesses dados. Portanto, o documento da Unesco (2023) destaca que esse modo de operar desta tecnologia pode reforçar ainda mais as vozes dominantes, promovendo uma "homogeneização" das respostas, uma vez que há mais chances de ser reproduzido o que já está amplamente disponível.

Em outras palavras, as orientações da Unesco (2023) alertam que os modelos de IA podem reproduzir vieses culturais, estereótipos ou ignorar contextos locais específicos. Por isso, para não acentuar desigualdades, já vem sendo proposto (Unesco, 2023; Byrd, 2023) abordagens mais inclusivas no treinamento dos modelos, incorporando dados representativos de diferentes comunidades, línguas e visões de mundo, a fim de promover maior equidade e pluralidade nos sistemas baseados em IA.

As implicações éticas da IA generativa também se estendem ao uso de dados para treinamento dos modelos sem consentimento explícito de seus autores ou proprietários legais. Segundo a Unesco (2023), esse uso não autorizado pode violar direitos autorais.

Além disso, há uma crescente preocupação quanto à privacidade e à proteção de dados pessoais. Muitos dos materiais utilizados são extraídos de fontes públicas sem critérios rigorosos de curadoria, o que pode incluir informações sensíveis ou identificáveis.

Esse cenário agrava-se diante da ausência de mecanismos claros de controle e responsabilização. Diante do atual panorama em que grandes corporações tecnológicas detêm um controle considerável sobre o desenvolvimento e disseminação dos modelos de IA generativa, a Unesco (2023) alerta que a ausência de estruturas legais e éticas robustas, visto que muitas ainda estão fase de elaboração, permite que essas empresas atuem com relativa autonomia, alinhando o futuro da IA aos seus interesses comerciais.

Em síntese, para que a IA generativa seja utilizada de forma ética e socialmente responsável na educação, o guia da Unesco (2023) destaca que é fundamental enfrentar desafios como a representatividade nos dados, a necessidade de transparência e explicabilidade dos modelos, a proteção da privacidade dos usuários e o estabelecimento de

regulamentações eficazes que assegurem a equidade no acesso e na produção do conhecimento.

Diante do exposto, evidencia-se que a questão dos dados utilizados para o treinamento dos modelos de IA generativa implica em outras questões éticas, como por exemplo a questão da do conteúdo gerado por IA, sobre como ele pode ser usado e, inclusive, sobre as consequências para a criatividade e a autoria humana.

Desafios éticos e educacionais da IA generativa: autoria, confiabilidade e agência

Com a popularização da inteligência artificial generativa, a produção de conteúdos linguísticos passa a envolver relações complexas entre humanos, corporações e máquinas — o que Fenwick e Jurcys (2023) denominam “criadores híbridos em rede”. Essa nova configuração gera implicações éticas relevantes, especialmente quanto à autoria, à originalidade e à propriedade intelectual (Bozkurt, 2023).

Accoto (2023) denomina esse cenário de “era midiática inflacionária”, marcada pela produção automatizada de textos em grande escala e pela ampliação do volume de informações circulantes. Para o autor, trata-se de um novo campo discursivo, em que máquinas “tomam a palavra”, desafiando a centralidade humana na produção textual e tornando mais difusas as fronteiras entre conteúdo autêntico e sintético. Essa proliferação de textos gerados por IA pode favorecer práticas como desinformação, manipulação e apagamento de vozes, o que exige dos usuários uma postura crítica frente à legitimidade e à procedência do conteúdo acessado.

Esses sistemas, por serem estatísticos e desprovidos de agenciamento moral (Accoto, 2020), geram respostas sem compromisso ético ou

intencionalidade. Por isso, diversos autores (Fenwick; Jurcys, 2023; Higgs; Stornaiuolo, 2024; Bozkurt, 2023) defendem a preservação da agência humana como condição para orientar, filtrar e atribuir sentido ao que é produzido por esses modelos.

No contexto educacional, esse cuidado torna-se ainda mais urgente. O uso irrestrito de ferramentas de IA pode enfraquecer a criatividade, reduzir o engajamento crítico e favorecer práticas desonestas, como o plágio, sobretudo quando não há mediação pedagógica ou critérios claros de autoria (Pimentel; Azevedo; Carvalho, 2023).

Diante disso, os mesmos autores enfatizam que práticas educativas responsáveis devem incentivar a validação das fontes e a apropriação crítica dos conteúdos gerados, promovendo a autonomia intelectual e ética dos estudantes. Essa orientação vai ao encontro das recomendações da Unesco (2023), que propõe o desenvolvimento de diretrizes institucionais, políticas de proteção de dados, estratégias de formação docente e iniciativas de inclusão digital para garantir o uso ético da IA generativa. Tais ações são fundamentais para que a integração dessas tecnologias ocorra de maneira consciente e equitativa, respeitando os princípios da educação crítica.

A necessidade de se desenvolver competências digitais que permitam aos indivíduos avaliar criticamente as tecnologias de IA e saber utilizá-las como ferramenta em diferentes contextos — ou seja, saber se comunicar e colaborar eficazmente com a IA seja para uso pessoal, acadêmico ou no ambiente de trabalho — tem resultado em propostas de letramento em IA.

Isso posto, na próxima seção, apoiamo-nos em estudos que propõem o letramento em IA como uma maneira de abordar essa tecnologia em contextos de ensino/aprendizagem (Warschauer et al., 2023; Meyer et al., 2024; Zao, Cox e Cai, 2024).

Letramento em IA como prática educativa: fundamentos, interações e criticidade

As inovações tecnológicas impulsionadas por sistemas de inteligência artificial generativa têm transformado significativamente as formas de interação com a informação, a linguagem e o conhecimento. Essas tecnologias, como os modelos de linguagem de grande escala (LLMs), permitem interações em linguagem natural entre humanos e máquinas, automatizando processos de produção de conteúdos ao mesmo tempo em que reconfiguram as práticas sociais de linguagem em contextos digitais.

No âmbito educacional, tais transformações exigem a formação de sujeitos capazes de compreender não apenas o funcionamento dessas ferramentas, mas também seus limites, implicações éticas e usos pedagógicos possíveis.

Com base na revisão narrativa realizada, que teve como objetivo identificar estudos teóricos, empíricos e sistemáticos voltados à noção de letramento em inteligência artificial no campo da educação, identificamos três grandes eixos temáticos que organizam as contribuições mais relevantes: (i) concepções e modelos teóricos de letramento em IA, que articulam essa competência aos letramentos digitais, críticos e informacionais; (ii) implicações éticas e sociais do uso da IA generativa, com destaque para os debates sobre justiça algorítmica, inclusão digital e agência humana; e (iii) práticas de interação estratégica com ferramentas generativas, com ênfase no papel da linguagem, especialmente na formulação de *prompts*, como competência central na mediação com esses sistemas.

Concepções e Modelos de Letramento em IA: dimensões técnicas, críticas e formativas

Long e Magerko (2020) foram um dos primeiros a propor uma estrutura de letramento em IA. Sua proposta é voltada à compreensão do funcionamento dos algoritmos e de suas aplicações práticas. Para os autores, é essencial que os usuários saibam identificar quais tarefas podem ser automatizadas por esses sistemas — como a detecção de padrões em grandes volumes de dados, a execução de atividades repetitivas — e quais demandam julgamento humano, dadas as limitações inerentes à tecnologia.

Essa mesma perspectiva de letramento em IA se observa na revisão exploratória de Ng *et al.* (2021), realizada com base em 30 estudos sobre o tema. Os trabalhos incluídos reiteram a importância de compreender a forma como essa tecnologia funciona e de avaliar as implicações éticas associadas ao seu uso.

Com a popularização da IA generativa a partir de 2022, os estudos passaram a enfatizar a interconexão entre o letramento em IA e outras competências já mobilizadas em contextos digitais mais amplos, como o letramento em dados e o letramento crítico em informação.

Na perspectiva de Kreinsen e Schulz (2023), o uso da IA generativa, especialmente em contextos educacionais, exige o desenvolvimento de três letramentos interdependentes: letramento digital, letramento em dados e letramento em IA. Segundo essas autoras, os dados são o recurso dos sistemas de IA, portanto, o letramento em dados fornece a base para compreender, interpretar e avaliar criticamente a informação e os sistemas computacionais.

Nesse sentido, o conceito de letramento em dados, conforme discutido por Kreinsen e Schulz (2023), estabelece um diálogo direto com o letramento crítico em informação, cuja principal competência envolve a avaliação criteriosa das informações, incluindo a verificação da credibilidade, a comparação de fontes e a rastreabilidade dos dados.

Mesmo antes da popularização da IA generativa, essas competências já se mostravam fundamentais para a navegação no ambiente digital, considerando a abundância de informações disponíveis e a necessidade de analisar sua legitimidade de maneira crítica. Para Dudeney, Hockly e Pegrum (2016, p. 39) o letramento crítico em informação é “um dos mais essenciais entre os letramentos contemporâneos”.

No contexto atual, em que sistemas baseados em IA processam grandes quantidades de dados e produzem respostas a partir de padrões estatísticos, permanece fundamental adotar uma postura reflexiva e responsável diante das informações geradas por essas tecnologias. Por isso, o uso crítico e reflexivo dessas tecnologias deve estar no centro das práticas educativas.

A proposta de McKnight e Hicks (2023) reforça essa abordagem integrada, ao aplicar o Modelo de Letramento em 3D⁵ (Green, 2012) ao contexto da IA generativa. O modelo compreende três dimensões interdependentes: utilizar a linguagem em diferentes situações (dimensão operacional); interpretar e produzir textos com diferentes finalidades em diversas práticas sociais (dimensão cultural) e avaliar criticamente discursos produzidos em múltiplos formatos, refletindo sobre usos da linguagem e questões de poder e ideologia (dimensão crítica). Para os

⁵ Essa abordagem se baseia no Modelo de Letramento em 3D, desenvolvido por Bill Green, dentro do campo dos Novos Letramentos, que reconhece a complexidade do processo de comunicação, especialmente em uma cultura digital caracterizada por novas formas de interação mediadas por tecnologia.

autores, essas três dimensões devem ser mobilizadas de forma articulada para que o letramento em IA seja efetivo e socialmente responsável.

Para os autores, na dimensão operacional são trabalhadas habilidades relativas à interação técnica e linguística com ferramentas de IA incluindo a formulação de comandos, também denominados de *prompts*, e a revisão dos textos gerados. Em seguida, a dimensão cultural, examina o impacto da IA nas práticas de leitura e escrita em diferentes contextos sociais. Nesse sentido, McKnight e Hicks (2023) propõem atividades como a exploração das aplicações da IA em diversas áreas, a discussão sobre a colaboração entre humanos e máquinas e a distinção entre tarefas que podem ser delegadas à IA e aquelas que exigem intervenção humana. Por fim, na dimensão crítica concentram-se as habilidades referentes à análise das relações de poder, do acesso desigual à tecnologia, dos vieses embutidos nos algoritmos e dos impactos sociais da IA generativa.

De forma geral, os estudos revisados convergem na defesa de propostas educativas que aliem o domínio técnico das ferramentas à reflexão crítica sobre seus usos, limites e impactos, destacando que o letramento em IA depende de múltiplas competências, incluindo o pensamento ético, a análise contextual e a capacidade de avaliação informacional. Particularmente, o estudo de McKnight e Hicks (2023) amplia um pouco a questão ao incluir a formulação de comandos (*prompt*) como parte da dimensão operacional do letramento em IA.

Outro estudo de natureza conceitual e sistematizadora no campo do letramento em IA é o de Pinski e Benlian (2024). Em uma revisão sistemática recente, cujo objetivo é organizar e amadurecer o campo ainda emergente do letramento em IA, os autores propõem uma estrutura analítica composta por três dimensões interdependentes: os métodos de aprendizagem adotados para o desenvolvimento do letramento em IA, os

componentes que o constituem (como conhecimentos, habilidades e atitudes), e os efeitos observados em termos de compreensão crítica, apropriação tecnológica e engajamento ético por parte dos usuários.

Essa abordagem busca oferecer uma base conceitual mais robusta para orientar práticas educacionais. Para os autores, é fundamental diferenciar o letramento em IA de outros letramentos digitais próximos, como o letramento em dados ou o computacional. Essa distinção se justifica pelas características próprias da IA, sobretudo a sua autonomia, inescrutabilidade (opacidade dos processos) e capacidade de aprendizado contínuo, conforme proposto por Berente *et al.* (2021) apud Pinski e Benlian (2024). Tais características implicam riscos e desafios específicos — como a delegação de decisões a sistemas automatizados ou a dificuldade de auditar os processos algorítmicos — o que justifica a inclusão de debates sobre autoria, intencionalidade, confiança e ética quando se busca refletir sobre o uso de IA generativa em educação (Unesco, 2023; Bozkurt, 2023; Fenwick e Jurcys, 2023).

No levantamento bibliográfico que realizamos, observamos que as habilidades de letramento em IA estão intrinsecamente relacionadas à linguagem e às novas práticas discursivas que emergem a partir da interação com essa tecnologia generativa. No que se refere a interagir com esses sistemas de forma eficaz, os autores que se detiveram sobre propostas de letramento em IA têm pontuado que é preciso saber orientar os modelos de IA generativa para se obter as respostas desejadas. Esse tipo específico de interação tem sido denominado de letramento de *prompts*.

Letramento de *Prompts* como competência linguística e multimodal no uso de IA generativa

A interação eficaz com sistemas de IA generativa requer do usuário não apenas familiaridade com a tecnologia, mas também competência para formular instruções claras, específicas e ajustadas aos objetivos comunicativos. Como destacam Hwang et al. (2023), devido à forma como esses modelos operam, “quanto melhores forem as instruções de entrada, melhores serão as respostas dadas pela máquina”.

Esse tipo de interação pode ser compreendido como uma prática comunicativa situada, vinculada ao contexto de uso de modelos generativos baseados em linguagem natural. Moura (2023) denomina essa prática de *letramento de prompt*, enfatizando que se trata de uma habilidade estratégica que demanda não apenas conhecimento sobre o funcionamento técnico desses sistemas, mas também domínio linguístico, refinamento textual e clareza de propósito.

Segundo Moura (2023), o desenvolvimento de bons *prompts* requer não apenas domínio gramatical e ortográfico, mas também a capacidade de adaptar a linguagem ao propósito comunicativo, considerar os diferentes gêneros discursivos; refinar a formulação textual conforme necessário e avaliar criticamente as respostas geradas. Assim, o processo interativo entre humano e máquina se aproxima de uma negociação textual contínua, na qual o usuário precisa ajustar a linguagem de forma consciente e intencional, a fim de alinhar as respostas geradas aos objetivos comunicativos e contextos de uso.

Essa dinâmica se intensifica no contexto das produções multimodais. As práticas de linguagem em ambientes digitais são, por natureza, multimodais, ou seja, envolvem a combinação de modos semióticos diversos — texto escrito, imagem, som, movimento, espaço — como

elementos integrados de significação (Cope; Kalantzis; Pinheiro, 2020). A partir de comandos verbais — os *prompts* — os modelos de linguagem são capazes de gerar conteúdos que integram diferentes formas expressivas (ex. imagens, vídeos, música, diagramas). Nesse contexto, Jiang (2024) e Cope Kalantzis (2020), observam que o letramento em IA integra também o letramento visual e semiótico, pois os discursos gerados nesses ambientes são híbridos e mediados por algoritmos.

Dessa forma, diante da possibilidade de uso dos modelos generativos para gerar textos de natureza multimodal, para Jiang (2024) o letramento em IA precisa desenvolver nos estudantes capacidades de articular visualmente ideias, avaliar a pertinência de elementos gráficos e reorganizar os modos expressivos conforme a intencionalidade comunicativa.

Para gerar imagens coerentes com objetivos pedagógicos ou artísticos, a elaboração de *prompt* é essencial, requerendo comandos descritivos e refinados, que mobilizem vocabulário específico, consciência estética e precisão semântica.

Quanto aos resultados gerados, a literatura reforça que a leitura crítica desses conteúdos multimodais se torna componente indispensável do letramento em IA, permitindo que estudantes questionem, desestabilizem ou reinterpretem as imagens geradas por algoritmos. Segundo Gupta *et al.* (2024), os sistemas generativos operam com base em conjuntos de dados que carregam historicidades, ideologias e omissões — o que significa que os textos visuais também podem apresentar vieses raciais, de gênero e culturais.

Assim, o letramento em IA — quando situado na perspectiva dos multiletramentos — deve incluir o desenvolvimento de competências semióticas e visuais, voltadas à leitura, produção e interpretação de discursos híbridos mediados por algoritmos.

No contexto educacional, isso implica desenvolver práticas pedagógicas que articulem linguagens diversas e incentivem o engajamento ético com os produtos algorítmicos, considerando tanto sua potência expressiva quanto seus riscos. sociais.

Por fim, como destacam Warschauer *et al.* (2023), estudantes com experiência consolidada em práticas letradas tendem a interagir com mais autonomia e criticidade com ferramentas de IA generativa, justamente por mobilizarem competências linguístico-discursivas na formulação de comandos. Nesse contexto, elaborar *prompts* para interagir com modelos generativos não constitui um letramento inteiramente novo, mas uma extensão de práticas discursivas já existentes, agora reconfiguradas pela mediação algorítmica.

O que se observa é a intensificação da necessidade de um uso estratégico da linguagem, em que aspectos como clareza, coesão, intencionalidade e domínio de gêneros textuais continuam sendo fundamentais.

Em síntese, a elaboração de *prompts* eficazes exige que os usuários mobilizem um conjunto de capacidades linguísticas já desenvolvidas, ao mesmo tempo em que enfrentam o desafio de interagir com sistemas opacos e estatísticos. Esse cenário reforça a urgência de práticas pedagógicas que formem sujeitos capazes de compreender os modos de operação da IA, de explorar suas potencialidades e de atuar eticamente diante dos conteúdos que elas geram.

Letramento crítico em IA: inclusão digital, responsabilidade educativa e usos éticos da tecnologia

A presença da inteligência artificial generativa em contextos educacionais exige que o letramento em IA vá além da mera competência operacional ou técnica, incorporando uma perspectiva crítica sobre os

usos e impactos dessas tecnologias. Isso implica reconhecer que os sistemas de IA não são neutros: eles operam com base em dados e algoritmos que podem reproduzir desigualdades, reforçar ideologias dominantes e obscurecer dinâmicas de poder. Nesse sentido, diversos autores têm defendido a necessidade de desenvolver uma literacia crítica em IA, voltada à compreensão das implicações sociais, culturais e políticas dessas tecnologias.

Bozkurt (2024) sustenta que o letramento crítico em IA deve capacitar os usuários — especialmente estudantes — a compreenderem os mecanismos de funcionamento dos sistemas algorítmicos e a questionarem as desigualdades estruturais que podem ser reproduzidas por essas tecnologias, sobretudo em contextos educacionais marcados por exclusão e disparidades de acesso. Tal abordagem amplia o escopo da educação digital ao incluir no debate questões como justiça algorítmica, vigilância e ética.

De modo convergente, Leander e Burriss (2020) propõem um letramento crítico voltado para um mundo pós-humano, no qual sujeitos e máquinas coabitam ambientes comunicacionais e cognitivos. Para os autores, é necessário que os educadores incentivem práticas que ajudem os estudantes a “ler com e contra as máquinas”, compreendendo como a IA molda as práticas de leitura, escrita e produção de sentido, e problematizando a noção de autoria, agência e intencionalidade nos discursos mediados por IA.

A esse respeito, Gupta *et al.* (2024) exploram as metáforas utilizadas para descrever o ChatGPT — como assistente, papagaio ou megafone colonizador — a fim de revelar percepções críticas sobre o papel desses modelos na mediação do conhecimento. Ao propor um conjunto de metáforas críticas, os autores destacam como o letramento em IA precisa

incluir a capacidade de identificar as formas como a tecnologia pode amplificar ou silenciar determinadas vozes, o que é especialmente relevante para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre os riscos de homogeneização cultural e epistemológica.

No debate sobre as implicações políticas da IA, Selwyn (2022) alerta para os perigos do determinismo tecnológico e da aceitação acrítica das soluções algorítmicas no campo da educação. Segundo o autor, é necessário combater a ideia de que a IA traz, por si só, progresso ou neutralidade, defendendo que o uso educacional dessas ferramentas deve estar ancorado em valores democráticos e guiado por políticas públicas que garantam equidade e responsabilidade social.

Carrington (2018), por sua vez, argumenta que o surgimento de novas formas de letramento em tempos de *big data* e algoritmos exige que os estudantes desenvolvam habilidades para analisar como as informações são filtradas, categorizadas e priorizadas por sistemas automatizados. Isso demanda um letramento crítico capaz de desnaturalizar as operações algorítmicas, permitindo a compreensão dos interesses e poderes que regem a produção e circulação de dados em ambientes digitais.

Diante desse panorama, compreende-se que o letramento em IA, quando articulado a princípios de justiça algorítmica e inclusão digital, não apenas prepara os estudantes para interagir com ferramentas tecnológicas, mas os forma para uma cidadania crítica em uma cultura digital mediada por algoritmos. Trata-se, portanto, de um componente essencial para a construção de práticas pedagógicas que promovam o uso ético, democrático e socialmente responsável da inteligência artificial.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo identificar a partir de uma revisão narrativa da literatura, as principais contribuições acadêmicas sobre o letramento em inteligência artificial (IA). Para isso, adotou-se um recorte que privilegiou estudos teóricos, empíricos e revisões sistemáticas que tratassem de forma direta da noção de letramento em IA e seus desdobramentos éticos, pedagógicos e discursivos.

Os estudos analisados indicam que desenvolver o letramento em IA implica integrar dimensões técnicas, críticas e semióticas, de modo articulado às práticas sociais de linguagem. Trata-se, portanto, de formar sujeitos capazes de utilizar ferramentas generativas com autonomia, criatividade e responsabilidade, compreendendo os limites, os vieses e os impactos dessas tecnologias. Como destacam diversos autores, é fundamental que os estudantes compreendam o funcionamento dos sistemas algorítmicos — sua lógica probabilística e estatística, seus mecanismos de geração textual e suas condições de opacidade — para que possam interagir com eles, a partir da elaboração de *prompts*, e avaliar criticamente os conteúdos produzidos.

Desse modo, os letramentos contemporâneos precisam ser pensados como processos em permanente construção, uma vez que as ferramentas tecnológicas continuam a evoluir, alterando as formas de interação, produção e circulação da informação. Diante do avanço acelerado das tecnologias generativas, os letramentos contemporâneos precisam ser concebidos como processos em constante reconstrução. Como argumenta Ribeiro (2024), a impermanência é característica inerente aos letramentos digitais, o que exige uma postura educacional pautada na adaptabilidade e na reflexão crítica.

Nesse sentido, o letramento em IA não deve ser compreendido como uma simples competência operacional, mas como uma prática discursiva situada, voltada à leitura e produção de textos — verbais e multimodais — mediados por algoritmos. Ele constitui-se, portanto, como uma confluência entre letramentos digitais e críticos, articulando-se também a conhecimentos específicos de interação com sistemas generativos, como a formulação de *prompts*.

A consolidação de práticas pedagógicas que incorporem o letramento em IA exige o reconhecimento da complexidade envolvida no uso dessas tecnologias e o compromisso com uma formação ética, crítica e inclusiva. Em vez de apenas aprender a usar a IA, os estudantes devem ser preparados para compreender como ela funciona, refletir sobre seus impactos e participar, de forma ativa e consciente, da sociedade digital.

REFERÊNCIAS

ACCOTO, C. *O mundo dado: cinco breves lições de filosofia digital*.

Tradução de Eliete da Silva Pereira. São Paulo: Paulus, 2020.

ACCOTO, C. A potência da latência: inteligência artificial generativa – textos, imagens, agentes. In: ACCOTO, C.; DI FELICE, M.; SCHLEMMER, E. Depois da Inteligência artificial. *Caderno IHU ideias*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos, n. 348, v.21, p. 7-32, 2023. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/348cadernosiudeias.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

BOZKURT, A. Generative AI, synthetic contents, Open Educational Resources (OER), and Open Educational Practices (OEP): a new front in the openness landscape. *Open Praxis*, v. 15, n. 3, p. 178–184, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55982/openpraxis.15.3.579>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BYRD, A. Truth-Telling: Critical Inquiries on LLMs and the Corpus Texts That Train Them. *Composition Studies*, v. 51, n. 1, p. 135–142, 2023. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1390465.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

CARRINGTON, V. *The changing landscape of literacies: big data and algorithms*. *Digital Culture & Education*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 67–76, 2018. Disponível em: <http://www.digitalcultureandeducation.com/cms/wp-content/uploads/2018/09/Carrington.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2025.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v26n1/v26n1a06.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2023.

CHOMSKY, N.; ROBERTS, I.; WATUMULL, J. The false promise of ChatGPT. *The New York Times*, Nova York, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion/noam-chomsky-chatgpt-ai.html>. Acesso em: 12 mai. 2024].

CHOWDHURY, Gobinda C. *Natural Language Processing*, Annual Review of Information Science and Technology, v. 37, p. 51-89, 2003.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. Tradução de Marcos Marcionilo. 1ª ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FENWICK, M.; JURCYS, P. Originality and the Future of Copyright in an Age of Generative AI. 2023. *Computer Law & Security Review*, v. 51, nov. 2023, p. 105892. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=4354449>. Acesso em: 10 set 2024.

GUPTA, A. et al. Assistant, parrot, or colonizing loudspeaker? ChatGPT metaphors for developing critical AI literacies. *Open Praxis*, [S.l.], v. 16, n. 1, p. 37–53, 202.

HIGGS, J. M.; STORNAIUOLO, A. Being Human in the Age of Generative AI: Young People's Ethical Concerns about Writing and Living with Machines. *Reading Research Quarterly*, v. 59, n. 4, p. 632–650, 11 jun. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/rrq.552>. Acesso em: 11 set. 2024.

HWANG, Y.; LEE, J. H.; SHIN, D. What is prompt literacy? An exploratory study of language learners' development of new literacy skill using generative AI. *arXiv preprint*, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2311.05373>. Acesso em: [22 set. 2024].

IBM. O que é aprendizado de máquina?. Disponível em: <https://www.ibm.com/br-pt/topics/machine-learning>. Acesso em: 08 mai. 2024.

JIANG, Ji. When generative artificial intelligence meets multimodal composition: Rethinking the composition process through an AI-assisted design project. *Computers and Composition*, v. 74, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.compcom.2024.102883>. Acesso em: 17 jul. 2025.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Literacy in the time of artificial intelligence. *Reading Research Quarterly*, v. 60, n. 1, e591, 23 nov. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/rrq.591>. Acesso em: 26 jan. 2025.

KREINSEN, M.; SCHULZ, S. Towards the Triad of Digital Literacy, Data Literacy and AI Literacy in Teacher Education – A Discussion in Light of the Accessibility of Novel Generative AI. 2023. *EdArXiv Preprints*. Disponível em: <https://doi.org/10.35542/osf.io/xguzk>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LEANDER, K. M.; BURRISS, S. K. *Critical literacy for a posthuman world: when people read, and become, with machines*. *British Journal of Educational Technology*, [S.l.], v. 0, n. 0.

LONG, D.; MAGERKO, B. What is AI Literacy? Competencies and Design Considerations. In: CHI '20: Proceedings of the 2020 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems, Honolulu, HI, USA, 25-30 abr. 2020. p. 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3313831.3376727>. Acesso em: 25 jul.2024.

MEYER, J. et al . Using LLMs to bring evidence-based feedback into the classroom: AI-generated feedback increases secondary students' text revision, motivation, and positive emoticons. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, n. 6, p. 1-10, 2024. Disponível em: [<https://doi.org/10.1016/j.caeai.2023.100199>]. Acesso em: [22 jul. 2024].

McKNIGHT, L.; HICKS, T. Generative AI writing tools: How they work, what they do, and why they matter. In: HICKS, T.; TRUST, T. (Orgs.). *What PreK-12 Teachers Should Know About Educational Technology in 2023: A Research-to-Practice Anthology*. [S.l.]: Association for the Advancement of Computing in Education (AACE), 2023. Acesso em: [22 jul. 2024].

MOURA, A. Literacia de prompts para potenciar o uso da inteligência artificial na educação. *RE@D - Revista de Educação a Distância e eLearning*, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2023. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.34627/redvol6iss2e202308>. Acesso em: 23 set. 2024.

NG, D. T. K et al. Conceptualizing AI Literacy: An Exploratory Review. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, v. 2, p. 100041, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2021.100041>. Acesso em: [02 ago. 2024].

OpenAI. *ChatGPT: All things about ChatGPT*. 2022. Disponível em: <https://help.openai.com/en/articles/6783457-what-is-chatgpt>. Acesso em: 16 mai. 2023.

PIMENTEL, M.; AZEVEDO, V.; CARVALHO, F. ChatGPT: a era da autoria híbrida humana/o-IA. *Horizontes – Revista da Sociedade Brasileira de Computação*, mar. 2023. Disponível em: <https://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/03/chatgpt-a-era-da-autoria-hibrida/>. Acesso em: 17 out. 2024.

PINSKI, M.; BENLIAN, A. *AI literacy for users – A comprehensive review and future research directions of learning methods, components, and effects. Computers in Human Behavior: Artificial Humans*, v. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chbah.2024.100062>. Acesso em: 17 jul. 2025.

RIBEIRO, A. E. Letramento Digital: definições impermanentes. In: BRAMBILA, G. (org.). *Territórios do letramento*. 1. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2024, p.73-88.

SELWYN, N. Preparing for the realities of Artificial Intelligence: a key challenge for education in the 2020s. In: *ICT in Education: survey on the use of information and communication technologies in Brazilian schools*. São Paulo: CGI.br, 2022. p. 255–260. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/4/20230619145525/ict_in_education_2022_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

STEELE, J. L. To GPT or not GPT? Empowering our students to learn with AI. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, v. 5, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.caeai.2023.100160>. Acesso em: 17 jul. 2025.

UNESCO. *Guidance for generative AI in education and research*. 2023. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386693/PDF/386693eng.pdf.multi> Acesso em: 25 mar. 2024.

WANG, C. Exploring Students' Generative AI Assisted Writing Processes: Perceptions and Experiences from Native and Nonnative English Speakers. *Technology, Knowledge and Learning*, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10758-024-09744-3>. Acesso em: 26 jul. 2024.

WARSCHAUER, M. et al. The affordances and contradictions of AI-generated text for writers of English as a second or foreign language. *Journal of Second Language Writing*, v. 62, p. 1-24, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jslw.2023.101071>. Acesso em: 10 jul. 2024.

ZHAO, X.; COX, A. A.; CAI, L. ChatGPT and the digitisation of writing. *Humanities and Social Sciences Communications*, v. 11, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41599-024-02904-x>. Acesso em: 20 ago. 2024.

NOTAS DE AUTORIA

Regina Breda (bredaregina1@gmail.com): Licenciada em Letras Português Espanhol pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2010) e Mestre em Letras -Linguagem e Sociedade pela mesma Universidade (2015). Aluna regular do programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) - Doutorado. (2022-2026). Tem experiência na área de Linguagens, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas. Atualmente é professora de Língua Portuguesa e Espanhola no Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Greice Castela Torrentes (greicecastela@yahoo.com.br): Pós-doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ - 2020) com bolsa da Fundação Araucária. Doutora em Letras Neolatinas (língua espanhola) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ- 2009), Mestre em Letras Neolatinas (língua Espanhola) pela UFRJ (2005) com bolsa CAPES, Especialista em língua espanhola Instrumental para Leitura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ -2004), possui curso de especialização para profissionais de espanhol em língua e literatura pela Universidad Complutense de Madrid (2004) com bolsa MAE/AECI, e Bacharelado e Licenciatura plena em Letras (português-espanhol) pela UFRJ (2002) com bolsa de IC da CAPES. Professora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), de língua portuguesa e docente do Programa Stricto Sensu em Letras (nível acadêmico de Mestrado e Doutorado) da Unioeste (desde 2012), professora associada de Língua Espanhola e Prática de ensino na Unioeste (desde 2006).

Como citar este artigo de acordo com as normas da revista?

BREDA, Regina; TORRENTES, Greice Castela. Letramento em IA: confluência entre letramentos digitais, críticos e práticas de interação com tecnologias generativas. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 158-187, 2025.

Contribuição de autoria

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Licença de uso

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Histórico

Recebido em: 01/05/2025.

Aprovado em: 21/07/2025.